



ASPECTOS DA LÍNGUA KAINGANG ASPECTS OF KAINGANG LANGUAGE

Toni Juliano Bandeira¹

RESUMO: As línguas indígenas brasileiras expressam, antes de tudo, patrimônio cultural da nação. Não existem “índios”, mas sim povos indígenas, sociedades distintas com organizações sociais muito complexas. Esses povos são cerca de 220 no Brasil, tendo-se aproximadamente 170 línguas vivas. Segundo Aryon Rodrigues, um dos mais importantes pesquisadores das línguas indígenas brasileiras, “é provável que na época da chegada dos primeiros europeus ao Brasil, o número das línguas indígenas fosse o dobro do que é hoje”. (1986, p. 19). Neste sentido, este trabalho procura mostrar aspectos de umas das línguas indígenas com maior número de falantes no Brasil: o Kaingang. O povo que a fala é um dos mais populosos do país, sendo que o censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística aponta este povo como o terceiro em número de população, com 37.470 indivíduos, sendo que o povo Tikuna é o mais populoso (46.045), seguido pelo povo Guarani Kaiowa (43.401). Seus integrantes vivem nos três estados da região Sul do país e também no oeste de São Paulo. São falantes da língua que dá nome à etnia e identificados geneticamente ao tronco linguístico Macro-Jê.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Kaingang; Aspectos Gramaticais; Línguas Indígenas.

ABSTRACT: The Brazilian indigenous languages express, first of all, the cultural heritage of the nation. There are about 220 different indigenous nationalities in Brazil, taking up approximately 170 living languages. According to Aryon Rodrigues, one of the most important researchers of Brazilian indigenous language, "it is likely that at the time of arrival of the first Europeans to Brazil, the number of indigenous languages was double what it is today." (1986, p. 19). Thus, this paper aims to show some aspects of the indigenous languages with most speakers in Brazil: the Kaingang. This is the people whose language is one of the most populous in the country, and the 2010 census of the *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística* points out as the third in population, with 37,470 individuals, and the Tikuna people is the most populous (46,045), followed by the Guarani Kaiowa (43,401). Its members live in the three southern States of the country and also in the west of São Paulo State. They are speakers of the Kaingang language and genetically identified as an ethnicity and linguistic branch of the Macro-Ge.

KEY WORDS: Kaingang Language; Gramatical Aspects; Indigenous Languages.

Diversidade e classificação das línguas indígenas brasileiras

¹Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Unioeste. Bolsista de mestrado Capes. Integrante do grupo de pesquisa “Confluências da Ficção, História e Memória na Literatura e nas Diversas Linguagens”. E-mail: tonibandiera@hotmail.com.



As línguas indígenas brasileiras expressam, antes de tudo, patrimônio cultural da nação. Não existem “índios”, mas sim povos indígenas, sociedades distintas com organizações sociais muito complexas. Esses povos são cerca de 220 no Brasil, tendo-se aproximadamente 170 línguas vivas. Na realidade, não há como precisar este número devido ao fato de que muitas dessas línguas são muito pouco conhecidas, tendo-se, além disso, povos que vivem isolados na floresta amazônica, não se sabendo que idiomas falam. Outras centenas de línguas desapareceram sem que fossem registradas, tendo-se a impressão de que o Brasil é um país monolíngue. Segundo Aryon Rodrigues, um dos mais importantes pesquisadores das línguas indígenas brasileiras, “é provável que na época da chegada dos primeiros europeus ao Brasil, o número das línguas indígenas fosse o dobro do que é hoje” (1986, p. 19).

Sabe-se que as línguas se constituem tendo como base propriedades comuns, no entanto, as mesmas estão sempre em processo de modificação, isso porque estão expostas a fatores de instabilidade e variação. Sendo as alterações linguísticas determinadas socialmente, pode-se pensar na multiplicação de uma única língua em duas ou várias, e isso é comprovado se analisarmos, por exemplo, os troncos e famílias linguísticas das línguas faladas pelos povos indígenas do Brasil. A vida em determinada comunidade faz com que seus falantes façam “acordos” sobre as transformações que um idioma sofre, mantendo-se, assim, comunicação entre os sujeitos que dela fazem uso. Porém, quando dois grupos de uma mesma comunidade se separam e deixam de manter contato, não há mais necessidade de atualização das modificações que sofreu a língua que falavam enquanto viviam juntos. É assim que as línguas devem ter se multiplicado em todo o mundo, e assim ocorreu no caso dos idiomas indígenas brasileiros, isso, claro, no decorrer de milhares de anos (RODRIGUES, 1986).

Na época da conquista portuguesa, o contato se deu primeiramente com os povos de língua Tupi, os quais dominavam a costa do país. Desta forma, de acordo com Lucy Seky (2000), excetuando-se o Kariri, a língua destas nações foi a única estudada durante os três primeiros séculos da colonização. Os materiais linguísticos deste período foram produzidos principalmente pelos jesuítas, destacando-se o famoso José de Anchieta, que em 1595 escreveu a primeira gramática da língua Tupi. Nesta época, os povos que não tinham origem Tupi eram popularmente conhecidos como “tapuias”, termo que neste idioma significa “bárbaro”, “inimigo”, fato que fez com que estas línguas fossem praticamente desconhecidas até o século



XIX. O Tupi tornou-se a Língua Geral e foi amplamente utilizado pelos portugueses durante o processo de colonização, assim como outros povos indígenas passaram a utilizá-la por imposição dos portugueses, o que aconteceu, por exemplo, na região Rio Negro, onde atualmente esta língua ainda é falada.

De acordo com Rodrigues (1986), as línguas do mundo são classificadas em famílias segundo o critério genético. Assim, uma família linguística “é um grupo de línguas para as quais se formula a hipótese de que têm uma origem comum, no sentido de que todas as línguas da família são manifestações diversas, alteradas no correr do tempo, de uma só língua anterior” (RODRIGUES, 1986, p. 29). Como exemplo, podemos observar línguas como o Português, o Espanhol, o Italiano, o Catalão, entre outras, as quais derivam do Latim, língua bem conhecida historicamente. O mapa abaixo, elaborado pelo Instituto Socioambiental, mostra as famílias das línguas indígenas faladas no Brasil:

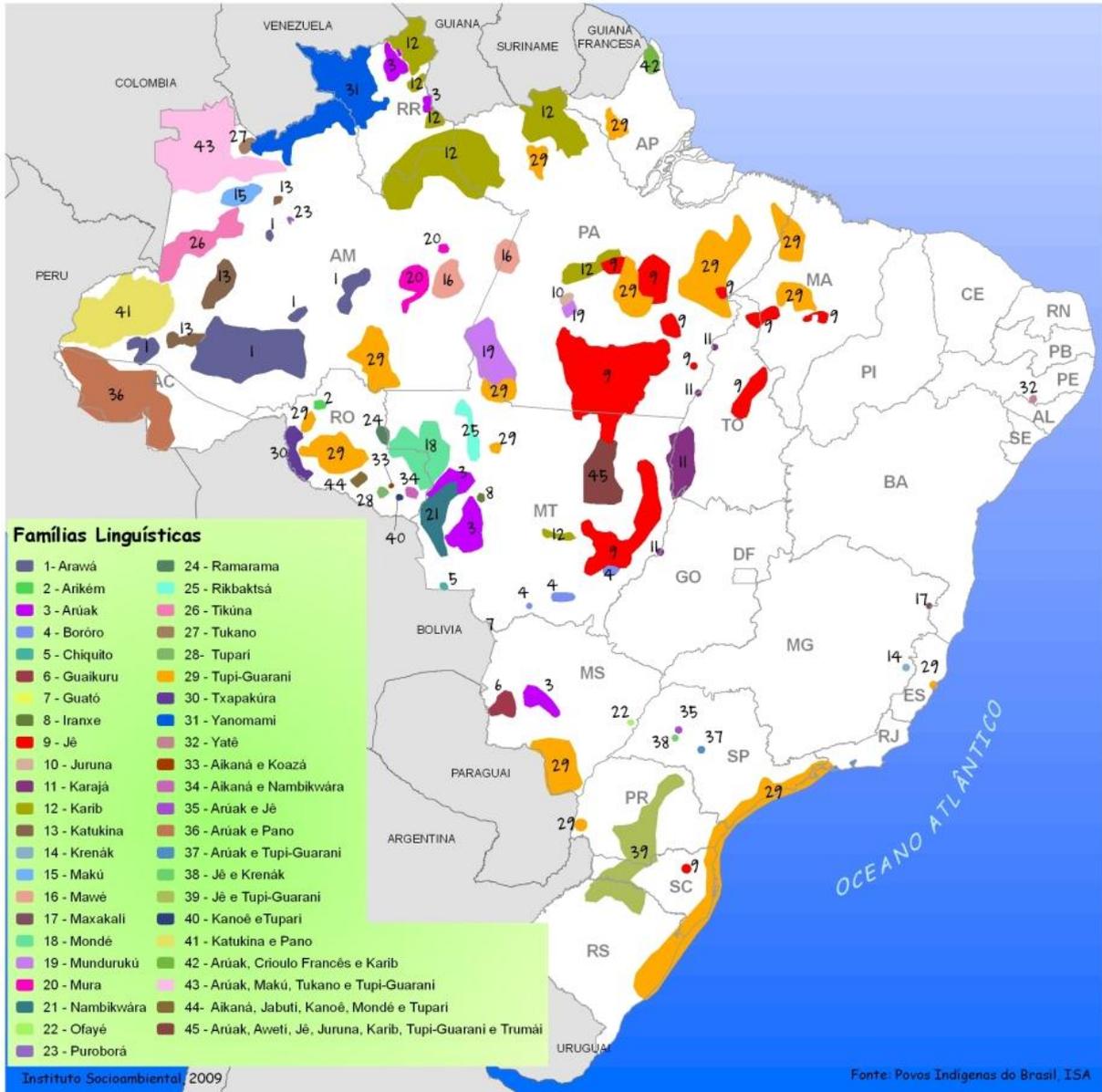


Figura 1: Disponível em: <<http://pibmirim.socioambiental.org/linguas-indigenas>>. Acesso em: 12 out. 2012.

Neste mapa, pode-se observar que é praticamente ausente a presença de línguas indígenas em grande parte das regiões Nordeste e Sudeste, assim como no estado de Goiás, ou seja, conforme o avanço da colonização, vão sendo exterminados os povos e as línguas indígenas.

Para a maioria das famílias linguísticas, as línguas das quais teriam tido origem são desconhecidas, sem nenhum tipo de documentação. Assim, para se conhecer características delas, utiliza-se o estudo histórico-comparativo, com o qual é possível verificar regularidades de sons,



palavras e aspectos gramaticais presentes em duas ou mais línguas. Este trabalho permite a elaboração de hipóteses sobre as características da língua ancestral, bem como sugestões acerca de como as línguas atuais foram se diferenciando (RODRIGUES, 1986). No quadro que segue, Aryon Rodrigues apresenta palavras que demonstram evidências do parentesco linguístico dentro do tronco Tupi. As línguas comparadas são o Tupinambá (Tb), da família Tupí-Guaraní; o Mundurukú (Mu), da família Mundurukú; o Karitiâna (Ka), da família Arikém; o Tuparí (Tp), da família Tupari; o Gavião (Ga), da família Mondé; e o Awetí, língua isolada ao nível familiar (Aw).

	Tb	Aw	Mu	Ka	Tp	Ga
1. mão	po	po	by	py	po	pabe
2. pé	py	py	i	pi	tsito	pi
3. caminho	pe, ape	me	e	pa	ape	be
4. eu	ize	atit, ito	on	yn	on	ōot
5. você	ene	en	en	an	en	ēet
6. mãe	sy	ty	xi	ti	tsi	ti
7. pesado	posyi	potyi	poxi	pyti	potsi	patii
8. marido	men	men	itop	mana	men	met
9. onça	iawar	ta'wat	wida	omaky	ameko	neko
10. árvore	'yb	'yp	'ip	'ep	kyp	'iip
11. cair	'ar	'at	'at	'ot	kat	'al-

Na análise do quadro, Rodrigues salienta que:

Mais importante que a semelhança entre palavras para o mesmo conceito em diferentes línguas, como prova de origem comum, é a regularidade nas correspondências de sons. Note-se como, em Karitiâna, a vogal *o* das demais línguas corresponde sistematicamente a vogal *y* (em 1, 4, 7 e 9); à vogal *e* das outras, corresponde em Karitiâna a vogal *a* (3, 5, 8 e 9); à vogal *y* do Tupinambá e do Awetí, corresponde a vogal *i*, não só no Karitiâna, mas também no Mundurukú, no Tuparí e no Gavião (2, 6, 7 e 10; mas o Karitiâna e o Tuparí têm *e* e *y*, respectivamente, depois de consoante posterior, como em 10). O Gavião tem a consoante *t* no fim das palavras que nas outras línguas apresentam *n*. O leitor pode facilmente identificar outras correspondências sistemáticas entre cada par de línguas comparadas (RODRIGUES, 1986, p. 44).



Os estudos comparativos dessas línguas de diversas famílias linguísticas possibilitaram a afirmação de que elas descendem de uma língua ancestral, a qual convencionou-se denominar de Proto-Tupí. Essa língua pré-histórica deve ter existido há milhares de anos, mas é difícil estabelecer sua origem, pois poucos fragmentos podem ser recuperados (RODRIGUES, 1986, p. 46).

A língua Kaingang e seus falantes

O povo indígena Kaingang é o terceiro em número de população no Brasil, com 37.470 indivíduos, sendo que o povo Tikuna é o mais populoso (46.045), seguido pelo povo Guarani Kaiowa (43.401) (IBGE, 2010). Seus integrantes vivem nos três estados da região Sul do país e também no oeste de São Paulo. São falantes da língua que dá nome à etnia e identificados geneticamente à família Jê e ao tronco linguístico Macro-Jê. O contato com a sociedade não-índia foi levado a cabo, de maneira mais intensa, na segunda metade do século XIX e início do século XX, quando vigorava a política de pacificação dos povos indígenas em território nacional, contato que gerou consequências drásticas como a expropriação territorial, conflitos internos, doenças e mortes. Este saldo negativo, no entanto, não significou a morte do povo, pelo contrário, os Kaingang² se orgulham de seus costumes e modo de vida, mantêm a língua materna e recriam continuamente suas táticas de manutenção cultural frente ao modelo hegemônico de organização social da sociedade nacional. De acordo com Wilmar D'angelis³, importante pesquisador do Kaingang, “a maioria das línguas e povos da família Jê vive bem mais ao norte: os Xavante (Mato Grosso), os Parakatéye (Pará), os Mebengokre, conhecidos como Kayapó (Pará e

²Sobre a grafia dos nomes tribais, seguimos, nesta monografia, a utilização aprovada na 1ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada no Rio de Janeiro, em 1953. Na ocasião, decidiu-se que os nomes tribais não teriam flexão de gênero e de número, tanto em função substantiva quanto adjetiva, a não ser que fossem de origem portuguesa ou morficamente portuguesesados.

³Disponível em <www.portalkaingang.org/Lgua_Kaingang.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2013. Todas as referências de Wilmar D'Angelis utilizadas nesta pesquisa são do artigo disponível nesta página da internet.



Mato Grosso), os Xerente, os Krahô, os Apinayé (Tocantins), os Apaniekrá, os Pukobyé, os Krinkati (Maranhão) e alguns outros”.

A língua Kaingang é falada em cerca de 30 terras indígenas e junto à língua Xokleng, são os únicos idiomas representantes do tronco Macro-Jê na região Sul do país. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010) são falantes do idioma Kaingang 22.027 indígenas, número que não considera crianças com menos de 5 anos. Wilmar D'Angelis elaborou o seguinte mapa, mostrando o espaço geográfico ocupado pelos falantes do idioma:

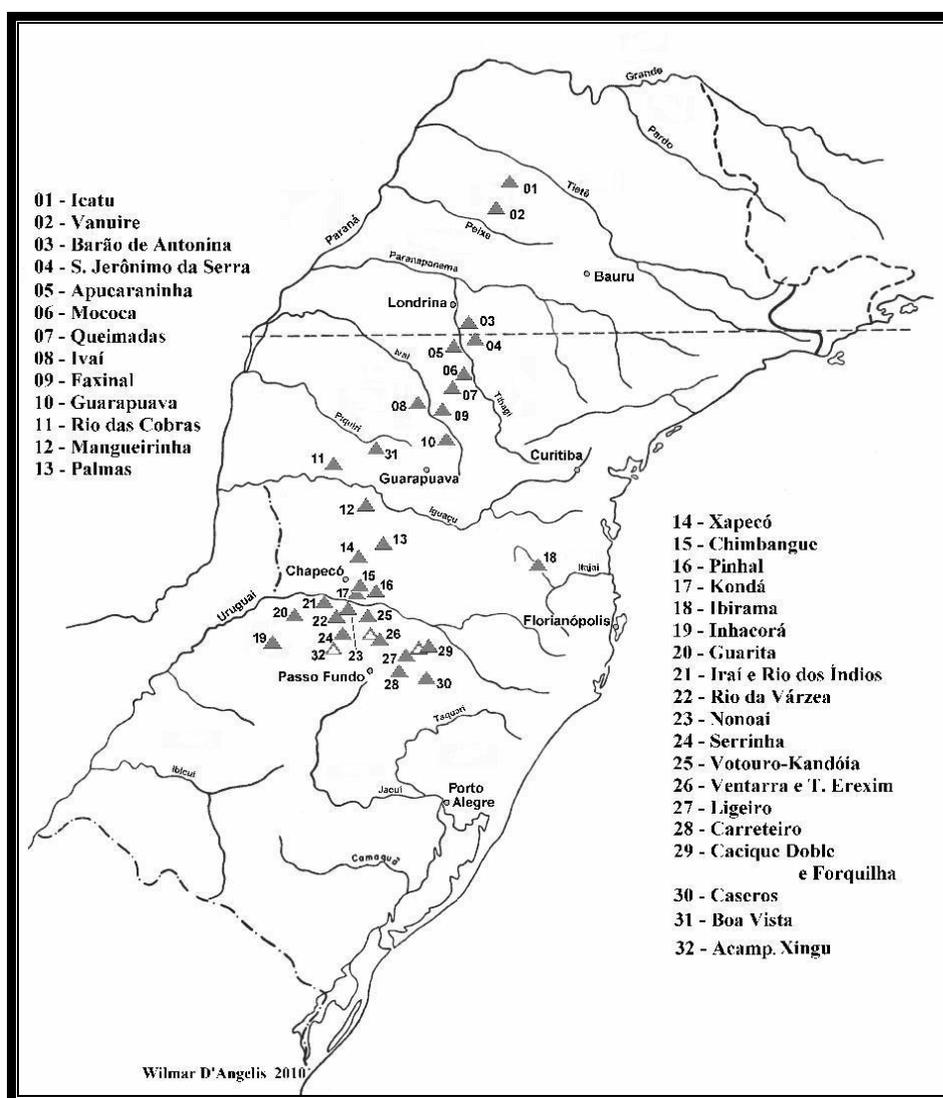


Figura 2: Terras indígenas Kaingang. Disponível em: www.portalkaingang.org/Lgua_Kaingang.pdf. Acesso em: 12 out. 2012.



É importante que o iniciante nos estudos da língua Kaingang tenha em conta que este idioma foi, por muito tempo, considerado como de difícil aprendizagem, sendo tratado como língua “travada”, fato que revela a presença de aspectos estruturais e, principalmente fonéticos, bastante diferentes das línguas românicas. É notável, neste sentido, que se observe, por exemplo, que os estudos da língua Guarani – considerando-se seus vários dialetos – foram e são objeto de estudo muito mais comum de investigações científicas, o que se aplica também aos estudos culturais e antropológicos. Acerca disso, é interessante notar que a dificuldade de aprender a língua Kaingang é um dos motivos que explica o fracasso dos próprios jesuítas no trabalho religioso com este povo. Sobre isso, podemos destacar a afirmação de Rodrigues de que “as línguas dos povos indígenas do Brasil são inteiramente adequadas à plena expressão individual e social no meio físico e social em que tradicionalmente têm vivido esses povos” (1986, p. 17).

Por muito tempo, as línguas indígenas do Brasil foram separadas em dois grandes grupos: Tupi e não-Tupi. Todas as tribos que não eram Tupi-Guarani foram colocadas no enorme grupo dos Tapuias, outra denominação aos grupos não-Tupi. O linguista Mansur Guérios (1942, p. 101) comenta que algo semelhante aconteceu com as línguas europeias: “Lembra isto a classificação lingüística universal dos primeiros investigadores europeístas – línguas arianas e línguas anáricas. Tudo o que não fosse indo-europeu, incluir-se-ia no segundo conjunto”. Guérios utiliza, de maneira interessante, o termo “tupinolatria” para fazer referência ao que chama de “desmesurado amor ao tupi-guaraní e a tudo o que se lhe refere” (1942, p. 101).

O estranhamento de exploradores e cronistas em relação à língua Kaingang pode ser notado no seguinte excerto, retirado da obra de Telêmaco Borba *Actualidade Indígena*, o qual conviveu por longo tempo com os Kaingang dos campos centrais do Paraná:

Falam um idioma muito gutural, nada parecido ao Guarany; não pronunciam o L, o R forte e o Z. Das palavras que conheço, do idioma deles, só duas: Pirá, peixe, e Piraju, são da língua Guarany e têm a mesma significação em uma e outra; e kêfê, faca, que é parecida com Kicé, faca, do Guarany. (BORBA, 1908, p. 19).

Em texto intitulado *Memoria sobre o descobrimento e colonia de Guarapuava*, o padre Chagas Lima narra aspectos de sua convivência com os Kaingang, no entanto, é convicto ao afirmar que:



O idioma de que usam os Índios nascidos em Guarapuava, e dos que habitam no prolongado sertão e matos entre o rio Paraná e estrada geral de Itapetininga para o Sul, não é outro senão o Guarany. Este é pobríssimo de termos, e portanto se faz necessario aos que falam recorrerem a certas circumloções e ambages, applicando-se muitas palavras no que se poderia fazer com uma só (1842, p. 53).

Souza (1918, p. 752) visitou os Kaingang de São Paulo no ano de 1916, os quais viviam entre os rios Tietê e Paranapenema. Da língua, dizia que lhe pareceu pobre e primitiva, apesar de admitir que a linguística não era o seu forte. Assim, vários relatos de exploradores, viajantes e outros indivíduos que por diversas ocasiões entram em contato com os Kaingang, reforçam a ideia de que o idioma desse povo era bastante pobre, isso, evidentemente, por não conhecerem a língua com o mínimo de propriedade.

Em outro escrito, do final do século XIX, é possível perceber a estranheza sobre a língua Kaingang. O visconde de Taunay (1888), que de setembro de 1885 a maio de 1886 foi presidente da então província do Paraná, relatou a sua visão sobre os indígenas que chegavam de Guarapuava, apontando que nesse período vagava pelas ruas de Curitiba uma turma seminua deste povo, reclamando terras, roupas, ferramentas, etc, e lamentando haverem sido maltratados pelos brasileiros. Taunay afirma que depois de ter realizado vários interrogatórios notou que suas queixas eram “vagas, obscuras e sem objetivo determinante”, pois as terras que pretendiam “ocupavam superficies enormes, para poderem contentar os seus habitos nomades e de simples vagabundagem” (1888, p. 254). Ademais de tratar os indígenas como vagabundos, pensamento ainda cultivado pela sociedade nacional, Taunay dedica algumas linhas para falar das dificuldades que teve para colher com “escrupolosa cautela e a maior consciência” o vocabulário de 605 termos que chama de “mais ou menos completo”:

Todos quantos se têm achado em contacto com aborígenes sabem, contudo, o grau de difficuldade que ha nessas tentativas, não só pelo modo de pronunciarem as palavras, deficiencia absoluta de regras grammaticaes e falta de sinais graphicos para bem exprimirmos as aspirações gutturaes ou sybillos que lhes são peculiares, como também pela reluctancia em responderem a interrogatorios um tanto longos de caracter até certo ponto scientifico. (1888, p. 251).



Da assertiva de Taunay acima reproduzida, convém assinalar a consideração do Kaingang como língua absolutamente deficiente de regras gramaticais, além do termo “sibilo” em referência aos fonemas peculiares à língua, o que demonstra o desconhecimento linguístico e o preconceito por parte do referido autor. Afirmativas como a de Taunay são recorrentes nos relatos históricos, obviamente não podendo ter respaldo científico.

Um dos trabalhos linguísticos de maior significância em relação à língua Kaingang foi desenvolvido pela linguista alemã Úrsula Wiesemann, ligada ao *Summer Institute of Linguistic*, (SIL) que iniciou seus estudos sobre esta língua em 1958, no Posto Indígena Rio das Cobras, no município de Nova Laranjeiras, estado do Paraná. Alguns pesquisadores destacam a intenção evangelizadora movida por tal instituto linguístico, o qual buscava traduzir a Bíblia para as línguas indígenas, tal como aconteceu com os Kaingang. Ainda assim, é partir dos estudos linguísticos de Wiesemann que há a possibilidade de iniciar-se o processo de alfabetização também na língua materna.

Em 1971, publicou-se uma lista de palavras sob o título de Dicionário Kaingang-Português e Português-Kaingang, a qual era lançada com o objetivo de ser utilizada em escolas bilíngues. Neste dicionário, acrescentou a autora alfabeto, questões dialetais, regras ortográficas e descrições sobre os tipos de palavras que compunham a língua. Com tal estrutura o dicionário foi publicado três vezes. Muitos anos de contato e estudos junto a tal povo fizeram surgir outra edição no ano de 2002, que tendo como base a primeira publicação, passou por um processo de revisão e ampliação. Na nova edição tem-se a inserção da designação gramatical de cada palavra e expressão, sendo apresentados cerca de 4000 verbetes (WIESEMANN, 2002). Durante seu trabalho, *Goytêj* (Rio Grande), como Úrsula passou a ser chamada pelos Kaingang, sempre contou com a colaboração dos Kaingang e constatou que tal língua possuía ricas variações dialetais. Em estudo publicado em 1978, chamado *Os dialetos da língua Kaingang e Xoklêng*, Wiesemann apresenta cinco regiões dialetais do Kaingang:

Dialeto de São Paulo (SP) – Entre Tietê e Paranapanema:

P.I. Vanuíre, P.I. Icatu, P.I. Araribá

Dialeto do Paraná (PR) – Entre Paranapanema e Iguaçu:

P.I. Apucarana, P.I. Barão de Antonina, P.I. Queimadas, P.I. Ivaí,

P.I. Faxinal, P.I. Rio das Cobras, P.I. Guarapuava

Dialeto Central (C) – Entre Iguaçu e Uruguai:

P.I. Mangueirinha, P.I. Palmas, P.I. Xaçecó



Dialeto Sudoeste (SO) – Ao sul do Uruguai, oeste de Passo Fundo:
P.I. Nonoai, P.I. Guarita, P.I. Inhacorá
Dialeto Sudeste (SE) – ao sul do Uruguai, leste do Passo Fundo:
P.I. Votouro, P.I. Ligeiro, P.I. Carreteiro, P.I. Cacique Doble
(WIESEMANN, 1978, p. 199-200).

A pesquisa linguística de Wiesemann lhe permitiu elaborar a hipótese de que depois de se separarem de outros grupos Jê, do Brasil central, os Kaingang começaram sua migração para o sul. O primeiro grupo a se separar teria sido o dos Xokleng⁴, que chegaram até Santa Catarina e deixaram de manter relações amigáveis com os outros grupos. Uma segunda separação teria ocorrido entre o grupo de São Paulo e os demais, continuando estes a migrar em direção sul. Após terem cruzado o rio Paranapanema, os índios teriam se dividido em várias hordas, sendo inexistente o contato entre os grupos que atravessaram o rio Iguaçu e aquelas hordas que haviam se estabelecido ao norte deste rio. Um dos grupos teria passado vários rios em direção sudeste, deixando de ter contato com os demais, ao passo que os grupos Central e Sudoeste mantiveram contato esporádico depois da separação (WIESEMANN, 1978, p. 216).

É importante salientar, uma vez mais, que a teoria de Wiesemann, ao tratar dos dialetos da língua Kaingang, busca explicar a origem dos mesmos, sendo notável que os vários grupos Kaingang mantiveram, mais tarde, diversos tipos de contato, os quais a própria autora faz notar por meio de apontamentos linguísticos, os quais não cabem aqui, por não ser esse o interesse maior de nossa pesquisa.

O alfabeto e seus “problemas”

A partir dessa breve explanação, passamos a apontar algumas características da língua Kaingang. O objetivo, nesse momento, não pretende ser o de trazer algo inédito, mas proporcionar ao leitor um pequeno contato com a língua, mostrando que a mesma não é “pobre e primitiva”, tampouco “deficiente de regras gramaticais”, como afirma-se em diversos relatos históricos que citou-se anteriormente.

⁴O Xokleng é um povo indígena de Santa Catarina com língua aparentada ao Kaingang. Por muito tempo, afirmou-se que o Xokleng era um dialeto do Kaingang, notando-se mais tarde que, apesar das semelhanças, eram línguas diferentes.



Para que se tenha uma ideia da pronúncia da língua Kaingang, transcreve-se, a seguir, o alfabeto e as regras de ortografia elaboradas por Wiesemann (2002):

a - se pronuncia como a letra *a* na palavra ‘faço’.

á - se pronuncia como o *a* final da palavra ‘faca’.

ã - se pronuncia mais aberto do que o *ã* na palavra ‘maracanã’.

e - se pronuncia como a letra *e* na palavra ‘preto’.

é - se pronuncia como a letra *é* na palavra ‘café’.

ẽ - se pronuncia mais aberto que o *ẽ* na palavra ‘mãe’.

f - se pronuncia como a letra *f* na palavra ‘faca’.

g - junto de vogal nasalizada, se pronuncia como o fechamento nasal da palavra ‘um’.

Junto de vogal oral, aplica-se a mesma regra como para a letra <*m*>, ou seja, <*g*> se pronuncia [gn,ng] (como em ‘manga’) ou [gng].

Quando seguida de uma consoante surda, equivale a *c* na palavra ‘faca’.

h - se pronuncia como *rr* no dialeto carioca.

i - se pronuncia como *i* na palavra ‘apitar’.

ĩ - se pronuncia como *ĩ* na palavra ‘fim’.

j - se pronuncia como *y* ou como *i* na palavra ‘íodo’.

k - se pronuncia como *c* na palavra ‘faca’ ou como *qu* na palavra ‘que’.

m - junto de vogal nasalizada se pronuncia como a letra *m* na palavra ‘mundo’. Quando seguida de vogal oral equivale [mb], ex. <*ma*> se pronuncia [mba].

Quando antecedida de vogal oral equivale [bm], ex. <*tam*> se pronuncia [tabm].

Quando intervocálica equivale a [bmb], ex. <*kome*> se pronuncia [kobmbe].

Quando seguida de uma consoante surda, equivale a *p*, ex. <*kam ke*> se pronuncia [kap ke].

n - junto de vogal nasalizada, se pronuncia como a letra *n* na palavra ‘nada’.

Junto de vogal oral, aplica-se a mesma regra para a letra <*m*>, ou seja, <*n*> se pronuncia como [dn,nd] (como em ‘mundo’) ou [dnd].

Quando seguida de uma consoante surda, equivale a *t* como na palavra ‘tudo’.

nh - junto de vogal nasalizada, se pronuncia como *nh* antecedido de um *i* como na palavra ‘ninho’.



Junto de vogal oral, aplica-se a mesma regra para a letra <m>, ou seja, <nh> se pronuncia como [nhd̥i, idnb̥] ou [idnhd̥i].

Quando seguida de uma consoante surda que não seja *f*, equivale a [i̥].

Quando seguida de *f* equivale a [i̥x]; entre vogal nasalizada e *f* se pronuncia [inb̥x].

o - se pronuncia como a letra *ô* na palavra 'avô'.

ó - se pronuncia como a letra *ó* na palavra 'avó'.

p - se pronuncia como a letra *p* na palavra 'pele'.

r - se pronuncia como a letra *r* na palavra 'hora'.

s - se pronuncia parecido com a letra *x* na palavra 'xadrez'.

t - se pronuncia como a letra *t* na palavra 'tudo'.

u - se pronuncia como a letra *u* na palavra 'uva'.

ũ - se pronuncia como a letra *u* na palavra 'um'.

v - se pronuncia parecido com a letra *w*, ou com a letra *u* na palavra 'uapé'.

y - representa uma vogal alta, situada entre o *i* e o *u* do português.

ÿ - se pronuncia como a letra *u* na palavra 'antes'.

´ - representa um fechamento rápido da glote. Nunca se escreve no início da palavra.

O alfabeto Kaingang proposto por Wiesemann (2002) apresenta consideráveis diferenças da forma como é utilizado na língua portuguesa. Algumas letras representam no Kaingang outros fonemas e isso dificulta o processo de alfabetização das crianças indígenas, que geralmente ocorre simultaneamente nas duas línguas. Os professores indígenas Kaingang têm consciência dos problemas deste alfabeto, no entanto, ainda não tiveram oportunidade para fazer alterações que contribuiriam para o processo de alfabetização.

As vogais Kaingang, como se viu no alfabeto criado por Wiesemann (2002), são catorze, nove orais e cinco nasais. Uma dessas vogais, o *Y*, é mais estranha ao português, e raramente bem pronunciada por quem não a tem em sua língua materna, sendo, no entanto, muito presente nas línguas indígenas. "É uma vogal alta e recuada como um 'u', mas pronunciada com os lábios não-arredondados, como ficam quando dizemos um 'i' (D'ANGELIS). Tratando disso, esse mesmo autor sintetiza as diferenças mais significativas entre a representação no kaingang e no português.



O *M* pronuncia-se exatamente como **m** do português, apenas quando estiver em uma sílaba com uma vogal nasal. Por exemplo, na palavra MYG (mel) ou na palavra MÃ (*jabuticaba*). Mas quando o *M* está numa sílaba com vogal oral (não-nasal), ele é pronunciado como **mb** no início da sílaba (por exemplo, em MÓ = *espiga* = “mbó”) e como **bm** quando está no final da sílaba (por exemplo, em REM = *fazer descer* = “rebm”). O mesmo vale para o *N*: pronuncia como **n** com vogais nasais (por ex.: NI,M = *dar*), mas como **nd** no começo da sílaba com vogal oral e **dn** no final de sílaba com vogal oral (ex.: NÉN = *coisa* = “ndédn”). E isso também vale para o *G*, que representa uma consoante nasal parecida com “ng”. Outra coisa estranha para quem aprendeu a ler em Português é que o *S*, na escrita Kaingang, vale como o nosso X. Assim, nas palavras acima em que usamos o X, no Kaingang são escritas assim: SĨ = *pequeno*, SÃSÃ = *cascavel*. Também o *J* é muito diferente do Português, porque se pronuncia como um *I* breve, como se fosse em ditongo. Por exemplo: KOJO = *miolo* = “coiô”, JÓG = *pai* = “iógn”. A letra *H* tem pronúncia muito semelhante à do *H* do Inglês em palavras como “horse” (mas também parecido com o “erre forte” do Português, em vários dialetos, em palavras como Rua, Rádio, caRRO, etc.. Ex.: PÉHO = *abóbora* = “péhô”, HÁ = *bonito*, bom = “hâ”. A consoante *V* soa mais parecida com o *W*, em palavras como VYR = *foi* (*sing.*) ou VYJ = *arco*. Por fim, a consoantes glotal, escrita com um símbolo de apóstrofo (’), e que se pronuncia com uma parada abrupta, isto é, muito rápida, antes da vogal da sílaba. A coisa mais parecida, em Português, é quando se ‘diz’, para negar alguma coisa, apenas: ã ã (a parada entre essas duas vogais é uma oclusão glotal). Em Kaingang está em palavras como PÃ’I = *chefe* (D’ANGELIS – PORTAL KAINGANG – grifos do autor).

Para melhor exemplificar a pronúncia da consoante *J* seguida de vogal podemos dizer que ela é falada como o *I* na palavra *ioiô*. Estas diferenças entre o Português e o Kaingang, como já dito, tornam mais dificultoso o processo de alfabetização das crianças Kaingang.

Os padrões silábicos

Os padrões silábicos da língua Kaingang são os que seguem:

(V) é - Cachorro-do-mato

(VC) ãg - Nós, nosso

(CV) fa - perna



- (CCV) mré - com
- (CVC) kur - roupa
- (CCVC) prêr - gritar

Aspectos gramaticais

a) Indicadores de circunstância

Ao contrário do português, que tem preposições, a língua Kaingang apresenta posposições, denominadas por Wiesemann como indicadores de circunstância, os quais sempre seguem o substantivo ou a frase que eles modificam (WIESEMANN, 2002). Listamos, abaixo algumas destas posposições, bem como exemplos que coletamos junto aos indígenas da Terra Indígena Rio das Cobras. A sigla “Ind. A.” designará “Indicador de Aspecto” e “Ind. S.” “Indicador de Sujeito”.

Ra

Vaj kÿ inh cidade **ra** tÿg mÿ.
Amanhã eu cidade **para** ir Ind. A.
Amanhã eu vou para a cidade.

Tÿ

Vãnvã **tÿ** ãg vãfy han tÿ.
Taquara **de** nós artesanato fazer Ind. A.
Fazemos artesanato de taquara.

Mré

Ã **mré** sóg tÿg mÿ.
Você **com** Ind. S. ir I. Asp.
Vou com você.



b) Indicadores de sujeito

O kaingang possui, também, marcadores de sujeito, que sempre devem ser utilizados. São vários os marcadores, como exemplo, citamos a palavra *vỹ*, que indica que o sujeito é tópico. Ex.:

Pého féj nej **vỹ**, ko hapẽ tĩgtĩ.
Abóbora folha cozida Ind. S. gostoso Ind. M.
A folha de abóbora cozida é muito gostosa.

c) Objeto direto

Em Kaingang, o objeto direto sempre precede verbo, estando sempre junto a ele. Ex.:

Inh **kyfé** kren inh.
Meu/minha faca perder eu.
Perdi minha faca.

d) Indicadores de aspecto

O Kaingang possui palavras para indicar o “aspecto” da ação. De maneira resumida, D’Angelis afirma: “Dizemos *aspecto* para coisas como: um tipo de ação que acontece sempre ou é habitual; um tipo de ação que está “em andamento” e não está acabada ainda; uma ação que já se completou no passado; uma ação que está prá acontecer imediatamente; etc.” Essas marcas sempre aparecem no final da “frase”. O exemplo abaixo é de D’Angelis:

Os nosso antigos tinham costume de tomar kyfe = Eg gufã ag tóg kyfe kron **tĩ**.
Gufã = *antigos, antepassados* ; kyfe = *bebida fermentada de milho ou pinhão* ; kron = *beber* ;

Neste caso, a palavra **tĩ** indica o aspecto habitual, algo que sempre acontece.



A riqueza da semântica

Em relação aos aspectos semânticos, a língua Kaingang é muito rica também. D'Angelis, no artigo já citado, afirma que “para dizer ‘carregar’ o Kaingang precisa escolher entre vários verbos diferentes, dependendo do tipo de coisa ou objeto a que vai se referir”. O autor exemplifica:

Se for um objeto comprido, usa: **vyn** (pronúncia: “wydn”)

Se for objeto comprido, carregado no ombro: **va** (pronúncia: “wa”)

Se for objeto curto ou redondo: **ma** (pronúncia: “mba”)

Se for coisa comprida carregada em pé: **tug** (pronúncia: “tugn”)

Assim, se for dizer que carrega ou vai carregar lenha, vai usar o verbo **vyn**. Para carregar uma foice, usa **va**. Para um livro ou uma panela, usa **mba**. E para carregar uma criança nas costas, usa **tug** (D'ANGELIS – PORTAL KAINGANG).

A partir dessa característica, pode-se notar a importância da relação Língua X Cultura. Ao estudar-se o povo Kaingang, vê-se que a base de sua cultura relaciona-se a um sistema de dualidade, no qual os conceitos comprido/curto, alto/baixo-redondo, são fundamentais. Esses conceitos parecem ter origem no mito dos gêmeos ancestrais do povo, *Kamé e Kanbru*, clã de sinal reto e clã de sinal redondo, os quais deixaram seus nomes para as duas metades. Na lenda narrada por Borba (1908) distinguem-se *Camés*, *Cayurucrés* e *Caingangues*, tal como os grafava Telêmaco. A lenda conta que:

Em tempos idos houve uma grande inundação que foi submergindo toda a terra habitada por nossos antepassados. Só o cume da serra *Crijjimbé* emergia das agoas. Os *Caingangues*, *Cayurucrés* e *Camés* nadavam em direção a ellas levando na boca achas de lenha incendiadas. Os *Cayurucrés* e *Camés* cançados, afogaram-se; suas almas foram morar no centro da serra. Os *Caingangues* e alguns poucos *Curutons* alcançaram a custo o cume de *Crijjimbé*, onde ficaram, uns no solo, e outros, por exigüidade de local, seguros aos galhos das arvores; [...] Depois que as agoas seccaram os *Caingangues* se estabeleceram nas imediações de *Crijjimbé*. Os *Cayurucrés* e *Camés*, cujas almas tinham ido morar no centro da serra, principiaram a abrir caminho no interior della. Depois de muito trabalho chegaram a sahir por duas veredas: pela aberta por *Cayurucrê*, brotou um lindo



arroio, e era toda plana e sem pedras; dahi vem terem elles conservado os pés pequenos; outro tanto não aconteceu a *Camé*, que abriu sua vereda por terreno pedregoso, machucando elle, e o seos, os pés que incharam na marcha, conservando por isso grandes pés até hoje. [...] Quando sahiram da serra mandaram os *Curutons* para trazer os cestos e cabaças que tinham deixado em baixo; estes, porem, por preguiça de tornar a subir, ficaram alli, e nunca mais se reuniram aos *Caingangues*; por esta razão, nós, quando os encontramos, os pegamos como nossos escravos fugidos que são. [...] (*Cayurucrê* e *Camé*) chegaram a um campo grande, reuniram-se aos *Caingangues* e deliberaram casar os moços e as moças. Casaram primeiro os *Cayurucrês* com as filhas dos *Camés*, estes com as daquelles, e como ainda sobravam homens, casaram-os com as filhas dos *Caingangues*. Dahi vem que *Cayurucrês*, *Camés* e *Caingangues* são parentes e amigos (BORBA, 1908, p. 21 e 22).

Sobre os clãs Kaingang, Nimuendajú escreveu:

Como foram estes dois irmãos que fizeram todas as plantas e animais, e que povoaram a terra com os seus descendentes, não há nada neste mundo fora da terra, dos céus, da água e do fogo, que não pertença ou ao clã de *Kañerú* ou ao de *Kamé*. Todos ainda manifestam a sua descendência ou pelo seu temperamento ou pelos traços físicos ou pela pinta. O que pertence ao clã *Kañerú* é malhado, o que pertence ao clã *Kamé* é riscado. O Kaingang reconhece estas pintas tanto no couro dos animais como nas penas dos passarinhos, como também na casca, nas folhas ou na madeira das plantas (NIMUENDAJU, 1993, p. 58).

Essa característica dual não é exclusiva dos Kaingang. Otto Zerries compôs um texto chamado *Organização dual e imagem do mundo entre índios brasileiro* (1976), no qual comenta que são vários os povos indígenas que são orientados socialmente por sistemas de dualidade.

Variação verbal

De maneira breve, trataremos, também, do verbo em Kaingang, apontamentos que são embasados na dissertação de Leriana de Almeida (2008). A autora afirma que “o verbo em kaingang possui, segundo Wiesemann (1971; 2002) até quatro formas, as quais chama de alternantes. No entanto, o verbo nesta língua, além de variar/alternar conforme o ambiente, também pode modificar-se para expressar: (i) número; (ii) forma dos objetos; e (iii) causatividade”



(ALMEIDA, 2008, p. 46). Os exemplos de formas alternantes do verbo são citados por Wieseemann (2002):

- a) *rāké tá inh gār fã* 'ontem quebrei milho'
- b) *gār fa ti* 'ele quebrou milho'
- c) *ã mĩ gār fãñ mũ* 'você vai quebrar milho?'
- d) *ã mĩ gār fãg mũ* 'você está quebrando milho?'

a) Variação conforme pluralidade

A variação por pluralidade ocorre por dimorfismo (duas formas) ou por reduplicação. Os exemplos que seguem coletamos com os Kaingang de Rio das Cobras:

Por dimorfismo:

Kur ty fi gĩr **kri fón** mũ.

A mulher **cobriu** a criança com o cobertor.

Kur ty fag gĩr e pẽ **kri vãnvã** mũ.

As mulheres **cobriram** as crianças com o cobertor.

Por reduplicação:

Vaj kỹ ti gār **krãn** mũ.

Amanhã ele vai plantar milho.

Vaj kỹ ag gār **krãnkrãn** mũ.

Amanhã eles vão plantar milho.

b) Variação para expressar a forma do objeto



Como já vimos, na cultura Kaingang todas as coisas possuem propriedades que as fazem pertencer a uma das metades clônicas, tendo traços de marcas compridas ou redondas. Esse aspecto de sua cultura aparece também na língua. O verbo pode variar, pois, para exprimir a forma do objeto de que se trata. Vejamos orações que colhemos:

Traga a bola para mim

Inh mÿ bóra **ma kãtîg**.

Inh mÿ pî **va kãtîg**.

Traga a lenha para mim.

Ambas as palavras em destaque, *ma kãtîg* e *va kãtîg*, significam “trazer”, porém o uso de uma ou outra está condicionado ao fato de que a bola é redonda, ao passo que a lenha é comprida. O falante nativo, naturalmente, sabe classificar todas as coisas em uma das metades, já o aprendiz da língua, muitas vezes, não consegue fazê-lo corretamente. Neste sentido, este aspecto da língua Kaingang nos mostra que a aprendizagem de uma língua necessita ser trabalhada, sempre, considerando-se os hábitos culturais do povo que a fala. Aryon Rodrigues (1986) cita um exemplo interessante de diferentes recortes linguísticos da realidade. O autor comenta as diferenças entre os verbos para a noção de ingerir, qualquer substância que seja, na língua portuguesa, no Tupinambá e no Xetá. No português, temos três verbos que se distinguem de acordo com o estado físico da substância, sendo eles: “comer”, “beber” ou “aspirar”. Na língua Tupinambá, essa noção é expressa por um único verbo, a saber, *ũ*. Já na língua Xetá, existem quatro verbos para expressar o ato de ingerir, porém, distribuídos de maneira bastante diferente. Reproduzimos, abaixo, o modo como esses verbos são utilizados, os quais levam em conta o tipo de carne animal que se ingere:

Pawáwa: “comer carne de tamanduá (bandeira ou mirim)”, *jurúri* “comer carne de animal agressivo (onça, gato-do-mato, gavião, cobra venenosa, etc.)”, *pókai* “comer carne de animais que vivem na água ou junto à água (peixe, cobra d’água, lontra, capivara, martim-pescador, etc.)”, *u* “comer carne de animais não agressivos nem aquáticos (paca, veado, macaco, tucano, pica-pau, larvas, etc.) e comer produtos animais (mel, ovos) e



vegetais (frutas, cocos, palmito, etc.), assim como ingerir líquidos”. (RODRIGUES, 1986, p. 27).

Rodrigues (1986) afirma que esses verbos específicos da língua Xetá se explicam, possivelmente, por terem sido estes índios coletores e caçadores, dependendo sua alimentação, substancialmente, de carne de caça. Os Tupinambá, por sua vez, eram agricultores, por isso, a caça era menos importante para eles.

c) Variação devido à causatividade

João vỹ jãnkã **nón**.

João **abriu** a porta.

Jãnkã vỹ **nor** é.

A porta **abriu**.

Gĩr vỹ jãnkã **nífēnh**.

O menino **fechou** a porta.

Jãnkã vỹ **nife** é.

A porta **fechou**.

Nota-se que o substantivo “jãnkã”, porta, possui a mesma função semântica nos exemplos que citamos acima, porém há mudança na função sintática entre o primeiro e segundo pares de orações e também entre o terceiro e quarto pares. Vê-se que quando o objeto passa a ser sujeito, o verbo, ainda que semelhante, muda. É o fenômeno da causatividade. No primeiro e terceiro pares, as sentenças são causativas, pois o sujeito age sobre o objeto. Já no segundo e quarto pares as sentenças não são causativas, pois o sujeito não transfere a ação para nenhum objeto, é ele próprio quem sofre esta ação.

Palavras onomatopaicas



A língua Kaingang possui uma característica muito interessante e, ao que parece, praticamente não estudada: as palavras onomatopaicas. Durante os estudos que vinha realizando sobre esta língua, notei que muitas palavras poderiam não ser arbitrárias, no sentido de que designavam ações ou conceitos que se relacionavam com o próprio som delas. Se a designação “palavras onomatopaicas” não condizer ao que aqui se propõe demonstrar, com as explicações que colhi junto aos indígenas, será possível entender qual é ideia que se traça. Vejamos os exemplos:

As̃g - espirrar. Percebe-se, nitidamente, o som produzido na própria ação.

Ki fu he - assoprar.

Og' - beber. Disse um indígena que este é o próprio som que se faz quando se ingere qualquer líquido.

Priig he – apitar. Representa o som do apito.

Mé - carneiro. Note-se que a palavra se pronuncia como “mbé”, possivelmente imitando o berro deste animal.

É - Cachorro-do-mato (*Pseudalopex Gymnocercus*). Segundo os indígenas, representa o som que o animal produz.

Kubur / ãhũ he - tossir. Som do ato de tossir.

Tỹrỹrỹ - trovejar.

Gangavo - cigarra (*Cicada Orni*). A princípio, quem não conhece o canto da cigarra não poderia estabelecer relação entre a palavra e o conceito, porém, o termo imita, exatamente, o canto deste inseto, algo como: “gagagagavooooo..”.

Juan Ambrosetti (1895) relata que “cachorro”, para os Kaingang que viviam em Misiones – Argentina, seria *bon-bon*, termo que os índios de Rio das Cobras usam para denominar somente o cachorro-do-mato. Para se referir ao cachorro doméstico emprestaram a palavra portuguesa, dizendo *kasór*. Há varias outras palavras formadas dessa forma, as quais merecem ser mais bem estudadas.

Semelhanças entre o Kaingang e o Guarani



Outra questão que chama a atenção é a existência de palavras semelhantes entre o Kaingang e o Guaraní, já que estes idiomas pertencem a troncos linguísticos distintos, o primeiro, como já vimos, ao Macro-Jê, e o segundo ao Tupi. Não se quer supor com isso, que em alguma época remota estes dois idiomas possam ter tido uma origem comum, mas é interessante tentar entender que relação essas palavras podem ter nas duas línguas.

Kaingang	Guaraní mbya	Português
ka	ka'aguy	árvore
píra/kākufár	píra	peixe
kyfé	kyxe	faca
pãri	pari	pari
men	me	marido
Topẽ		Deus
sĩ	nhaxi'ũ nhexĩ	pernilongo espécie de mosquito

Sobre a palavra “faca”, é interessante ver, por exemplo, que ela é parecida com o termo utilizado pelos Xavante, *sib'ézé* e semelhante a *knife*, da língua Apinayé, ambas da família Jê. Também Ambrosetti anota que *cuchillo de hierro* se diz *ki-fé*, e aponta que em Guaraní se diz *kaisé*. (1895, p. 363). Em relação ao termo Kaingang para designar árvore note-se os apontamentos de Herman Von Ihering:

[...] acostumamo-nos no Brazil a chamar de «Caingangs» a estes Pseudo-Coroados do Brazil meridional. E' assim que elles mesmos se denominam, significando esta palavra «gente do matto», e é notável a coincidência da palavra «cá»—matto, com a mesma denominação na lingua tupi. (1908, p. 209).

Só para exemplificar, em Tapirapé, língua da família Tupi-Guarani, *faca* também é traduzida como *kyxe* (PRAÇA, 2007). Com todas essas evidências, seria muita ingenuidade dizer



que estes termos, semelhantes em línguas de troncos linguísticos diferentes, são mera coincidência. Assim, faz-se necessário a comparação de mais termos em um maior número de línguas, para que se possa avançar neste estudo.

Em relação à palavra Kaingang *Topẽ*, usada para a tradução de “Deus”, é relativamente fácil de ser entendida ao se ter em conta a divindade dos Guarani chamada Tupã. Na verdade, tudo indica que os responsáveis pela introdução deste termo na língua Kaingang foram os padres jesuítas, que entenderam que esse era o maior deus dos Guarani, com quem haviam tido contato primeiro. Assim, usaram esta palavra quando tentavam catequizar os Kaingang, que foi adaptada às propriedades dos fonemas desta língua. Wanda Hanke, no texto “Apuntes sobre el idioma Caingangue de los Botocudos de Sta. Catarina, Brasil” (1947) afirma que *Dios* se diz *Toupá*, e que teria vindo do Guarani. Na verdade, pensava-se, nos primeiros contatos, que os “Botocudos” seriam um grupo Kaingang, por terem línguas bastante semelhantes. Depois de algum tempo, viu-se que tinham diferenças linguístico-culturais, como afirma Nanblá Gakran ao citar indiretamente Greg Urban, para o qual os Xokleng, chamados por Wanda Hanke de Botocudos, teriam se originado dos Kaingang após fissões de suas patri-metades. (GAKRAN, 2005).

A palavra para designação de “peixe” tem, provavelmente, origem guarani, já que o termo mais utilizado pelos Kaingang é *kãkufár*. Ainda assim, é preciso buscar mais fontes para se chegar a uma conclusão. Esta tarefa é intenção do autor deste artigo, a qual deverá ser publicada assim que obter-se mais resultados.

Temos a ciência de que de que cada um dos tópicos que apresentamos neste breve trabalho, pode gerar pesquisas imensas e variadas, e sabemos que o fizemos de maneira muito superficial. No entanto, com essas singelas considerações, buscamos contribuir para o conhecimento e divulgação das línguas indígenas brasileiras, as quais, em sua maioria, são pouco conhecidas, e em muitos casos, vítimas do mesmo preconceito que vem assolando as populações indígenas desde a conquista.

Referências:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. **Convenção sobre a grafia dos nomes tribais**. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/73556272/Convencao-da-ABA-de-1953-para-grafia-de-nomes-indigenas>>. Acesso em: 10 jan. 2012.



BORBA, T. M. **Actualidade Indígena**. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1908.

_____. Observações sobre os indígenas do Estado do Paraná. **Revista do Museu Paulista**. São Paulo, v. VI, p. 53-62, 1904.

D'ANGELIS, W. **A língua Kaingang**. Disponível em: <http://www.portalkaingang.org/lgua_kaingang.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2013.

GAKRAN, N. **Aspectos morfossintáticos da língua Laklãnõ (Xokleng) “Jê”**. Campinas, 2005, 123 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

GUÉRIOS, R. F. M. Estudos sobre a língua Caingangue: notas histórico-comparativas: dialeto de Palmas e dialeto de Tibagi, Paraná. **Arquivos do Museu Paranaense**. Curitiba, v. 2, p. 97-178, 1942.

HALL, J; MCLEOD, R. A; MITCHELL, V. **Pequeno dicionário Xavante**. Cuiabá: Sociedade Internacional de Linguística, 2004. Disponível em: <<http://www-01.sil.org/americas/brasil/SILapub.html>>. Acesso em: 05 maio 2012.

HANKE, W. Apuntes sobre el idioma Caingangue de los Botocudos de Sta. Catarina, Brasil. **Arquivos do Museu Paranaense**. [S. l], v. 6, p. 61-97, 1947.

IHERING, H. V. A antropologia do Estado de São Paulo. **Revista do Museu Paulista**. São Paulo, v. VII, p. 203-257, 1907.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2010 – Características gerais dos indígenas. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_dos_Indigenas/pdf/Publicacao_completa.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2012.

LIMA, F. C. Memória sobre o descobrimento e colônia de Guarapuava. **Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro**. Rio de Janeiro, tomo IV, n. 13, p. 43-64, 1842.

NIMUENDAJU, C. **Etnografia e indigenismo**: sobre os Kaingang, os Ofaié-Xavante e os índios do Pará. Marco Antonio Gonçalves (org.). Campinas: UNICAMP, 1993.

RODRIGUES, A. D. **Línguas Brasileiras**: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

SEKI, L. Línguas Indígenas do Brasil no Limiar do século XXI. **Impulso**, Piracicaba, v. 12, n. 27, p. 157-170, 2000.



SOUZA, G. H. P. Notas sobre uma visita a acampamentos de índios Caingangs. **Revista do Museu Paulista**. São Paulo, tomo X, p. 739-758, 1918.

PRAÇA, N. W. **Morfossintaxe da língua Tapirapé**. Brasília, 2007, 303 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

TAUNAY, A. E. Os índios Caingangs (Coroados de Guarapuava). Monographia acompanhada de um vocabulário do dialecto de que usam. **Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro**. Rio de Janeiro, suplemento ao tomo LI, p. 251-310, 1888.

ZERRIES, Otto. Organização dual e imagem do mundo entre índios brasileiros. In: SCHADEN, Egon. (Org.) **Leituras de etnologia brasileira**. São Paulo: COMPANHIA EDITORA NACIONAL, 1976. p. 87-126.

WIESEMANN, Ursula Gojtéj. **Kaingang-Português Dicionário Bilíngue**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.

_____. Os dialetos da língua Kaingáng e o Xoklég. **Arquivos de Anatomia e Antropologia**. Rio de Janeiro, v. III, p. 198-217, 1978.